

*Vertentes e Interfaces I: Estudos Literários e Comparados***LITERATURA NO SÉCULO XXI:
LAÇOS AMPLIADOS PARA O DIGITAL***Margarete Maria Soares Bin**

RESUMO: Neste artigo discute-se sobre o que é Literatura Eletrônica, bem como se apresenta a poética que se encontra na Coleção de Literatura Eletrônica, presente em três volumes. Há que se considerar sobre a importância de se conhecer esta forma interativa de realizar a leitura e em decorrência disso, a sua promoção. Pelas discussões aqui propostas percebe-se que esses meios eletrônicos se mostram diferenciados do impresso. Entretanto, desde o surgimento da poesia concreta até a poesia digital, o livro em sua versão física não desapareceu, apenas sofreu alterações com a introdução da Literatura Eletrônica, tal fato demonstra que os dois tipos de formatos podem conviver tranquilamente.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura; Literatura digital; Poema; Tecnologia

A literatura eletrônica

O contexto tecnológico da literatura do século XXI absorve novas formas de produção e disseminação do conteúdo produzido, aproveitando-se das possibilidades que o meio digital oferece. Nesse certame, Santaella (2013) fala em literatura expandida para o meio digital, tendo como propriedade o hibridismo entre as linguagens, o uso de hiperlinks, a interatividade do leitor com a obra e a convergência para os dispositivos móveis. A autora ressalta que tudo pode virar um jogo e o ambiente virtual pode se transformar em uma sala de aula, tanto quanto o contrário, a sala de aula pode se tornar virtual.

Na literatura, a expansão de meios confere novas possibilidades de produção e de recepção, de leitura. Para Santaella (2013), ainda que existisse a oralidade na literatura, o livro impresso em papel e a literatura formavam um par perfeito do século XV ao século XX. A inquietude da relação foi provocada pelo surgimento do computador com seu universo digital. Efetivamente, esse universo caracteriza-se pela variabilidade e mutabilidade. Diante de tal cenário de transformações Hayles (2009) aponta que a literatura eletrônica surge como

* Doutora em Letras pela Universidade Federal de Passo Fundo-RS (UFPF). Professora da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS).

um elemento de humanização das práticas computacionais, com outras opções estéticas afetando a literatura que pareceria ter nascido dos livros para os livros. A literatura eletrônica ou *e-lit* é definida por Katherine Hayles (2009, p. 21) como “obra com um aspecto literário importante que aproveita as capacidades e contextos fornecidos por um computador independente ou em rede”. Sobretudo, a autora declara “ela é nascida no meio digital, um objeto digital de primeira geração criado pelo uso de um computador e (geralmente) lida em uma tela de computador” (HAYLES, 2009, p. 20). Ou seja, a literatura eletrônica engloba uma produção literária feita para mídias digitais, utilizando-se dos recursos disponíveis nesses meios. O marco digital revela que, no lugar de o leitor folhear o livro impresso, acessa o ambiente virtual. Assim, decorre a observação de que se confundem esses textos com aqueles meramente digitalizados, os quais não dependem dos meios eletrônicos para sua aplicação e fruição. Para Prieto,

Por lo tanto, lo que se establece aquí no es únicamente que la literatura digital sea la consecuencia de cualquier actividad literaria desarrollada en un entorno informático, ya que, como dice Rettberg (2014), eso haría referencia a prácticamente cualquier proceso literario contemporáneo, sino que, ahora, para esta literatura electrónica el medio informático se presenta como un elemento esencial e imprescindible. (2017, p. 24)¹.

Vale complementar, no que concerne à literatura eletrônica, que “as variedades de literatura eletrônica são ricamente diversas, abarcando todos os tipos associados com a literatura impressa e acrescentando alguns gêneros únicos ao meio eletrônico em rede e programável” (HAYLES, 2009, p. 43). A literatura eletrônica propõe uma textualidade participativa, movente e tridimensional. Sobrepõem-se imagens, há trilha sonora, áudios de vozes dos autores, bem como toda uma estética de ruídos e silêncios reproduzidos em um texto envolvente, no qual os olhos fixam-se desafiados, e nele se permite a intervenção do usuário-leitor.

A leitura em meio eletrônico requer alguns protocolos conforme o livro *A leitura em nós* do autor Santos. Para o autor (2003, p. 198) “a literatura eletrônica se investe e se reveste de uma materialidade a ser (re) construída incessantemente”. O autor complementa também que “é necessário mapear os processos de materialização dessa obra, discutir o que seria objetualidade”. Nesse transitar pelo espaço digital é importante distinguir o excesso, que é o transbordo de significantes e significados que permite estabelecer significações coerentes e o excessivo, que é a proliferação articulada de leitura, em que significantes e significados

¹ Portanto, o que se estabelece aqui não é apenas que a literatura digital é a consequência de qualquer atividade literária desenvolvida em um ambiente computacional, uma vez que, como diz Retberg (2014), isso se refere a praticamente qualquer processo literário contemporâneo, mas, agora, para esta Literatura Eletrônica, o meio de computação é apresentado como um elemento essencial.

não remetem a significações articuladas. Segundo o autor, é preciso perscrutar vestígios à procura de fragmentos de nós que organizem uma cadeia de coerência. Fica evidente o deslocamento do lugar comum diante desse novo espaço, requerendo uma readaptação dos costumes, um interesse em estar à frente deste suporte e manuseá-lo em outro tipo de tratamento. Aqui, cita-se o caso da adolescente Lawver referida por Jenkins (2009), a menina leu o livro de Harry Potter levada pela onda de leitores que estavam empolgados pela coleção. Em razão disso, ela desejou promover o letramento lançando um jornal escolar pela web e envolvendo outras crianças na produção do material. Inclusive conseguiu que professores se utilizassem do gênero em sala de aula. Um material que se propaga rapidamente, forma comunidade de fãs, aprendendo a lidar com o feedback recebido. Alguns estudantes se contentam em criar um perfil e seguir os eventos, para outros, quando se sentem tocados querem escrever também, postar comentários, interagir.

É importante salientar que há protocolos de leitura que se verificam no próprio ato da leitura, mesmo que não seja suficiente. Para Santos (2003, p. 22) “o texto literário nunca saberia ser idêntico a si próprio, já que sua objetividade não se confunde com uma materialidade que na tradição impressa assenta no livro”. Para o referido autor (2016), nesse novo meio, o leitor vai e volta, e quando retorna está como que em outra circunstância de formação. Ele complementa ainda que haverá pessoas com dificuldades em manusear os aparatos eletrônicos, talvez nem conseguirão utilizá-los, mas deve-se lembrar que a escrita é uma tecnologia que existe há cinco mil anos e até hoje não atingiu a todos os habitantes do planeta. Consequentemente, a dificuldade apontada por Santos (2016) com relação à literatura altamente tecnologizada, como é a literatura digital, assemelha-se à mesma relutância que havia no concretismo, muito mais por parte da crítica do que do leitor. Inclusive, em reação adversa ao concretismo surgiu o movimento neoconcretismo carioca, que não admitia que a arte se transformasse em objeto tal qual os poetas paulistas propunham. Os cariocas priorizavam a expressividade. Do outro lado, no movimento da poesia concreta, atuavam professores, críticos, estudantes os quais, não tendo familiaridade com publicidade, propaganda, artes gráficas, evidentemente não conseguiam dialogar com uma estética renovada e reorientada no verbivocovisual da literatura, em circunstância assemelhada ao que pode ocorrer com quem não tem familiaridade com o meio digital. Até mesmo, instala-se a partir da internet uma crítica à qual poderia ser chamada de amadores, saindo do terreno de pessoas especializadas e passando para qualquer pessoa que integre o universo digital. Por um lado, há a abertura para as pessoas se posicionarem e trocarem ideias, elas se sentem à vontade e se isso realmente funciona, poderá haver aprendizado. Por outro lado, os sujeitos se posicionam sem

autoridade sobre o assunto, em áreas que não são especializadas. Por isso, quanto mais leituras o sujeito tiver, melhor será seu domínio nas discussões.

De imediato, para tranquilizar o meio educacional, é significativo apontar que o uso das mídias digitais não diminui a importância do livro impresso. Entretanto:

A contraposição entre a literatura “feita do” e “para o” livro – a poética do papel – e a literatura que nasce a partir da cultura digital – a poética da hipermídia – segue os mesmos princípios de todo debate gerado a partir da evidência de uma transformação em curso. (DOMINGOS, 2015, págs. 259-260)

Sob essa perspectiva, Hayles (2009) assevera que os livros não vão desaparecer, mas também não vão escapar dos efeitos das tecnologias digitais que os interpenetram. A digitalidade tornou-se a condição textual da literatura do século XXI. Nesse emaranhado, não se trata de excluir uma ao aparecer a outra, ou seja, comunicação digital substituindo comunicação impressa, mas de ambas terem funções diferentes. Corroborando com essa ideia, Santos (2013, p. 47) afirma que “o digital não se opõe ao escrito ou ao impresso, mas é o que permite pôr estes em contato com as ferramentas e as estratégias de informática”.

Embora semelhantes, as experiências em si da leitura em meio impresso ou em meio digital são distintas. O cheiro do papel, o manuseio e o folhear do livro como um objeto físico difere da manipulação de um leitor eletrônico. Quando comparados, cada um deles apresenta vantagens e desvantagens. No caso do meio digital, o leitor é convidado a abrir, ler e manipular textos por meio de um intercurso com o espaço eletrônico permitido pelo computador como mídia eminentemente interativa. De fato, no texto eletrônico, a espacialidade é de crucial importância. Embora a obra possa ser a mesma, em forma impressa e em formato eletrônico, sua função se modifica quando sua materialidade está interpenetrada por padrões computacionais. (SANTAELLA, 2013, 159).

Quanto a essas transformações, Ferreira (2010) repara que nem no suporte papel o texto é imutável, e que com certeza ele é fruto de uma série de escolhas do autor, entre muitas outras pelas quais ele poderia optar, ainda se transformando, no ato da leitura, de acordo com as experiências do leitor. O texto pode se definir linear, mas a leitura jamais será. “Ler telas, apertar teclas, utilizar programas computacionais com interfaces gráficas, dar ou obter respostas ao computador, está para a inclusão digital de forma semelhante à alfabetização no sentido de identificação das letras”. (ALMEIDA, 2005, p. 173).

Em se tratando desse diferenciado espaço literário, Hayles (2009) repara na variedade de literatura digital e, entre suas múltiplas manifestações, aponta para a poesia em mídia digital, a qual disponibiliza variações experimentais que não param de se expandir, porque as práticas composicionais evoluem no mesmo ritmo frenético da tecnologia computacional. Especificamente no próximo subcapítulo se tratará sobre a poética digital.

Dando sequência as discussões referentes à literatura eletrônica, Pedro Barbosa

introduz termos que estão em estreita correlação “Literatura Gerada por Computador (LGC), Infoliteratura ou Ciberliteratura”, os quais designam um procedimento criativo novo, nascido com a tecnologia informática, em que o computador é utilizado, de forma criativa, como manipulador de signos verbais e não apenas como simples armazenador e transmissor de informação, que é o seu uso corrente (BARBOSA, 1998, p. 181). Em semelhante ótica, Antônio (2008, p. 295) defende que as várias operações textuais propiciadas por sistemas digitais reinventam as práticas tradicionais de leitura e escrita e induzem a novas concepções de texto, autor, leitor, escrita e leitura. É claramente visto que o espaço de leitura ganha outras dimensões, atrelados ao estímulo da leitura e a postura que devem assumir os participantes nesse novo formato. Ao rastrear o pensamento de Cope (2001) depara-se com o esclarecimento de que

A book is no longer a physical thing. A book is what a book does... a book in this definition does not have to be printed. It can be rendered in many ways, including electronic-visual and audio (talking books). **A book [is] not a thing. It is a textual form, a way of communicating.** A book is not a product. It is an information architecture. (COPE, 2001, págs. 6–7. Grifo nosso)²

Surgem, ao mesmo tempo várias críticas com relação a essa literatura. A primeira delas é que os livros interativos não são livros. São jogos. Mas o que são, então, os livros infantis com textos enxutos e ilustrações exuberantes ocupando toda a página, todas as páginas? Negar à literatura essa transposição para novas mídias é dificultar sua chegada ao terceiro milênio, subtrair sua força e subestimar sua função na sociedade (SPALDING, 2016, p. 79). Além do mais, ao desprezar o misto de opções que ora as técnicas oferecem fere a criatividade, uma vez que o estímulo pode ser o termômetro do aprendizado. Baker e Wigfield (1999), procuram demonstrar que a motivação para a leitura, perspectiva-se por *engagement* (envolvimento). Análogo a esse termo está *engaged reader* (leitor envolvido), associado ao sujeito motivado para ler com várias intenções. Com isso, a motivação para a leitura é um requisito indispensável para que exista envolvimento na leitura. (GUTHRIE; KNOWELS, 2001 cit. por MATA, 2006, p. 99). Ao que tudo indica, o lúdico presente nos meios disponíveis para ler incentiva o ato de ler. De modo especial, Chartier (2003) sustenta que no mundo contemporâneo, a revolução é, antes de tudo, uma revolução dos suportes e das formas que transmitem o escrito.

² Um livro não é mais uma coisa física. Um livro é o que um livro faz ... um livro nesta definição não precisa ser impresso. Ele pode ser renderizado de várias maneiras, incluindo o eletrônico-visual e o áudio (livros falados). Um livro não é uma coisa. É uma forma textual, uma maneira de se comunicar. Um livro não é um produto. É uma arquitetura da informação. (COPE, 2001, pgs. 6–7)

Assim, pode-se afirmar que a literatura encontrou espaço para a produção estética na esfera digital. Ela se torna um ambiente propício à criação poética e leitura dela. Obviamente é um ambiente em que proliferam uma diversidade de materiais.

Percurso literário: poesia concreta à digital

Eis a razão para pensar em uma proposta diferenciada de fazer poesia, utilizando-se do digital. Com formas renovadas, essa invenção estética é modificada pelo fazer poético denominado *verbivocovisual*, que surgiu com o concretismo. Nas definições presentes no livro *Teoria da poesia concreta*, Campos (2006) afirma

Os poemas concretos caracterizar-se-iam como uma estruturação ótico-sonora irreversível e funcional, e, por assim dizer, geradora de ideia, criando uma entidade todo-dinâmica, “verbivocovisual” – é o termo de Joyce de palavras dúcteis, moldáveis, amalgamáveis, à disposição do poema. Com essa estrutura diferenciada a poesia concreta fixou-se como um movimento que repaginou os padrões da poesia. (CAMPOS, 2006, p. 55).

Essa passagem ilustra o quão importante foi o concretismo para a criação, posteriormente, das poesias eletrônicas, esse caminho de transição para chegar na literatura digital. O movimento iniciou “sob o signo da ruptura e da negação vanguardista, o que a predisps, como é comum nessas formas artísticas, a um violento embate com alguns setores da sociedade, da crítica literária e artística e da própria criação poética então dominante” (SILVA, 2013, p. 121). Seus precursores foram Augusto de Campos, Haroldo de Campos e Décio Pignatari em 1950. A arte relacionou-se com as novidades industriais e tecnológicas desse período, como no caso da televisão, que estava em ascensão, com predominância do visual, o que veio a calhar com a proposta concretista transitando entre o verbal e não verbal. Por ocasião, o que se torna normal nos meios de comunicação gera estranhamento ao leitor de poesia. Em termos gerais, Silva adverte “trata-se de libertar os sentidos diante da palavra escrita”. Essa observação faz compreender o que o poeta Pignatari manifestou:

Sinto-me aventurado a acreditar que o poeta fez do papel o seu público, moldando-o à semelhança de seu canto, e lançando mão de todos os recursos gráficos e tipográficos, desde a pontuação até o caligrama, para tentar a transposição do poema oral para o escrito, em todos os seus matizes. (2006, p. 24).

Menezes (1991) concorda com o surgimento do movimento concreto como algo positivo para o Brasil, o qual “trouxe uma nova concepção da poesia, uma visão de cultura integrada aos meios de comunicação, de artes relacionadas entre si, que mexeram com os padrões artísticos brasileiros”. (MENEZES, 1991, p. 15). Entretanto, o autor critica a poesia concreta atrelada ao verbal, mesmo a considerando de grande importância para o surgimento

de outras formas de poesia que se ocupam do visual. “O concretismo, como o movimento de maior alcance da consciência crítica até então produzido pela vanguarda brasileira, prepara o caminho da crescente presença da visualidade”. (MENEZES, 1991, p. 13). Sendo assim:

Tem-se, então, que a poesia concreta é uma poesia, por excelência, da palavra, e se inscreve nos limites extremos do campo da tradição verbal, apontando, nos poemas diacrâmicos, para o ingresso de fenômenos não-verbais na poesia, que se iniciará com a poesia semiótica, o poema processo e o que se convencionou chamar “poesia visual” dos últimos vinte e cinco anos. (MENEZES, 1991, p. 45).

Com o olhar voltado ao verbivocovisual, Menezes trouxe contribuições para a poesia digital. Aliás, para o autor a poesia tecnológica está ligada à poesia visual. Com a utilização de novos suportes e com a tecnologia, os poemas concretos chegaram em 1990 com os clioemas, dentre outras denominações e variedades de poemas que foram surgindo. Assim, o poema adentrou o domínio das formas, do visual, do auditivo, ao toque, ressaltando-se que a procura por acompanhar os avanços tecnológicos estava entre as prioridades dos poetas, sem perder a intenção de manter a qualidade. Via de regra, os concretistas, foram os precursores da chegada das poesias na virtualidade que se concretizou no computador com uma variedade de recursos proporcionados pelo acesso às mídias digitais. Cabe resgatar as informações de Pignatari (2006, p. 7) o qual admite que “antes da poesia concreta: versos são versos. Com a poesia concreta: versos não são versos. Depois da poesia concreta: versos são versos. Só que a dois dedos da página, do olho e do ouvido. E da história”.

Examina-se com Barcelos (2017) que os concretistas propunham a quebra com a tradição poética através da substituição da estrutura frásica, peculiar ao verso, focando-se no formato das palavras, som, significado e plasticidade (reflexos desse movimento cibernético, digitalizado, multimodal que ganhava forças). Então, no que tange ao contexto, o que se resgata é que há uma tendência nas últimas décadas para a poética ir ao encontro da tecnologia. A fim de complementar, acentua-se que o cenário, a migração e a adaptação de poemas concretos para o meio digital denominam-se, nos termos de Jorge Luiz Antonio (2008, p. 184) poesia-migrante, isto é, trata-se de poemas compostos originalmente para serem impressos e somente depois adaptados com linguagem de computador. Silva (2014, p. 28) é categórico ao afirmar “a sobrevivência da poesia se deve justamente às mudanças pelas quais tem passado ao longo dos anos numa resistência de múltiplas faces”.

Fica evidente nessas relações descritas o quanto o sujeito modifica e é modificado nesse processo de transição, nessa “cultura eletrônica” expressão sugerida por Marcuschi (2002, p. 2). Na virtualidade a tela é o espaço para a construção dos sentidos dos poemas e ela altera os procedimentos de interpretação, inclusive pelo uso do vocabulário pertinente a

esse ambiente. Com o mesmo viés crítico, Spalding (2016) distingue os poemas digitais dos poemas visuais ou concretos, pela interpretação de seus sentidos verifica-se que no digital não é executável sem que o leitor coopere com os seus vários recursos de multimídia e, em alguns casos, de hipermídia. Estendendo essa reflexão, Rui Torres (2017) estabelece uma definição para poesia do virtual: “Texto codificado em símbolos numéricos, convertendo-os em informação estética. Uma arte sem ‘Aura’, sem características irreprodutíveis, é certo, mas uma textualidade sem percurso pré-determinado, de estrutura não-linear. Uma poesia / obra aberta”.³ Aliás, na década de 60, os poetas Décio Pignatari e Luiz Ângelo Pinto já elaboraram poemas por meio de computador, numa mistura de textos existentes, com supressão de letras de poemas. Com isso, observa-se que há uma tendência nas últimas décadas do século XX para a pesquisa poética relacionada com a máquina.

Justamente porque a literatura eletrônica é criada e executada em um contexto de rede e meios de comunicação digital programáveis e movida pelos elementos da cultura contemporânea como os jogos de computador, filmes, artes gráficas, animações, é que ela é considerada um “monstro esperançoso”, composto por partes extraídas de diversas tradições. (HAYLES, 2019). Como se pode depreender não há algo totalmente inédito, mas de igual forma, não se pode associar simplesmente ao passado. “Os caminhos não são inteiramente novos nem tampouco suficientemente percorridos.” (FERREIRA, 2010, p. 27). Além disso, para a autora o passado não pode ser destronado pelo presente. É um novo olhar para a poesia, semelhante a tantos produtos e programas que retornam em novo contexto. Um aspecto essencial para Ferreira é que “a arte é uma infinidade de potência. Sua função vislumbra o imensurável. O objeto estético pode passar do útil em certa época para o admirável numa outra. É algo que atravessa tempos, rompe barreiras, instaura novos modos de ver, e, sobretudo, de o ser humano se fazer.” (2010, p. 28). É poesia em processo criativo que surge, dialogando com os meios eletrônicos, mudando o próprio ato da leitura.

Ferreira (2010) admite que as tendências modernistas são de espírito de ruptura com o intuito de acompanhar as inovações científico-tecnológicas da época. De tal constatação, se depreende, que há procura por fugir da repetição, suprimir a pontuação, implodir a estrutura, rompimento com o verso e com a rima, buscando aspectos que o lúdico da linguagem poderia oferecer. Signos verbais mesclam-se com signos gráficos e com a plasticidade das cores, meticulosamente dialogam com outras artes. Essa interação e dinamicidade está

³ Texto preparado para a oralidade durante a Conferência (via Skype) “Poesia digital: um cruzamento de linguagens” do Seminário Internacional de Leitura, Literatura e Linguagens, 16ª Jornada Nacional de Literatura, Org. Universidade de Passo Fundo (UPF) -RS em 6 de outubro de 2017.

presente na poética digital. Tal como afirma Couey (1991 apud Lemos, 2003, p. 213) “a arte na era eletrônica vai abusar da interatividade, das possibilidades hipertextuais, das colagens (*sampling*) de informações (*bits*), dos processos fractais e complexos, da não linearidade do discurso [...]”. Entretanto, é inegável dizer que:

De um lado está a crítica conservadora, constando, inclusive, estudiosos que nem sequer aceitam a poesia concreta, de outro lado estão aqueles que buscam um olhar mais aberto, chegando algumas vezes ao fetichismo tecnológico. Assim, há que se pensar numa postura crítica, aberta às novas linguagens, consciente de que o lúdico não é sinônimo de esvaziamento de significado. (FERREIRA, 2010, p. 29).

Jorge Luiz Antônio (2008, p. 356) chama a atenção de que a poesia eletrônica não passa de poesia, do dia a dia, do romantismo, da concreta até a atual “poesia artificial cibernética”, nada mais que a velha poesia do ser humano, mesmo que sem rima, apenas a mesma direção em um suporte diferenciado. No que toca diretamente essas relações entre poesia e mídia, Santaella (2005, p. 389) atenta para o fato de que esta revolução tecnológica é psíquica, cultural e socialmente mais profunda do que a invenção do alfabeto e do que a revolução originada pela invenção de Gutenberg. Ainda, mais profunda do que a explosão da cultura de massas. Certamente, a literatura impressa muda as percepções do leitor, porém os vocábulos na página não mudam literalmente em resposta às percepções do usuário. Já com a mídia em rede e programável as malhas de retroalimentação são executadas do computador para o usuário e do usuário para o computador (HAYLES, 2009). Isso permite pensar o computador como um agente subcognitivo e as operações dentro da mídia em rede e programável como sistemas distribuídos.

Coleção de Literatura Eletrônica: uma proposta possível

A acuidade dessas discussões destaca-se que a coleção de Literatura é um projeto da *Organização de literatura eletrônica* (ELO) fundada por Scott Rettberg, Robert Coover e Jeff Ballowe dividida em três volumes. O primeiro é datado de outubro de 2006 e nele constam 60 trabalhos de variados gêneros. Complementa-se que é a primeira grande antologia da literatura eletrônica. Procedem de diversos países: Austrália, Brasil, Canadá, Espanha, Estados Unidos, França, Inglaterra e México. Já o volume 2 é de fevereiro de 2011, contendo sessenta e três obras da literatura eletrônica. Países presentes: Alemanha, Áustria, Austrália, Canadá, Catalunha, Colômbia, Espanha, Estados Unidos, França, Israel, Países Baixos, Peru, Portugal, Reino Unido. E por fim, o volume 3 é de fevereiro de 2016 com 105 poemas dos seguintes países: Alemanha, Argentina, Austrália, Áustria, Brasil, Canadá, China, Colômbia, Coréia do Israel, Japão, México, Noruega, Peru, Polônia, Portugal, Porto Rico, Reino Unido,

República Checa, Rússia e Suécia. Abarcando tantos países, conduz a pensar que a poesia digital é um fenômeno global. Quando se olha para o terceiro volume da *Electronic Literature Collection* que a *Electronic Literature Organization* publicou, verifica-se que 13 línguas estão representadas. “Nesse sentido, para Torres (2017), a poesia digital está também a tornar-se um espaço e um fórum no qual a rede global se unifica e se encontra (isto é, na qual se cruza...)”. De acordo com um *Editorial Statement* que consta no 3º volume, não é possível saber completamente o que a informática pode fazer e não se compreendeu inteiramente as capacidades expressivas da literatura eletrônica. Ainda, a literatura eletrônica está para o engajamento artístico da mídia e da linguagem digital assim como a literatura está para o engajamento artístico da linguagem.

Muitos dos trabalhos nesta coleção já são bits ameaçados. Algumas plataformas que os apoiaram, entre elas o *Adobe Flash* e o *Unity Ed* estão ultrapassando os novos padrões, enquanto as plataformas de materiais como celulares e tablets cuja tela é sensível ao toque estão sempre à mercê de atualizações. Os maiores perigos ao campo da literatura eletrônica é o rápido avanço e novidade das novas mídias.

Notavelmente a Organização de literatura eletrônica é sem fins lucrativos, conforme consta no *site* da Organização e criada para promover a redação, publicação e leitura da literatura eletrônica. Com isso, há probabilidade de que muitas pessoas acessem o material e se envolvam num tipo de literatura diferente da forma com que se trabalhava com o impresso. A ELO é um corpo acadêmico dos EUA dedicado exclusivamente à investigação de literatura produzida para o meio digital.

Essa organização internacional foi criada em Chicago em 1999, com Ballowe como seu primeiro presidente e Rettberg como Diretor Executivo. Durante este período, a Organização abraçou juntamente com narrativa e ficção de hipertexto, formas emergentes de obras literárias baseadas em eletrônicos, incluindo, por exemplo, a narrativa interativa e a poesia líquida. Esse projeto tem ligação direta com o Canadá, o continente europeu, Ásia, entre outros e mantém, em sua página, uma coleção atualizada de obras e autores de literatura digital, a *Electronic Literature Collection*. Juntamente promove encontros e concede prêmios para artistas e críticos.

Mesmo uma análise rápida das obras selecionadas para compor o terceiro volume da coleção, publicado em 2016, já permite perceber a heterogeneidade tanto no que se refere aos tipos de software utilizados como no que se refere às propostas estéticas e temáticas das obras. (SPALDING, 2016, p. 118)

A Organização apoiou-se em patrocínios, mudando após para a UCLA por orientação de Katherine Hayles. Com a saída dela no ano de 2006 da UCLA para a *Duke University*, o

ELO mudou-se para o *University of Maryland, College Park*, onde foi apoiado pelo *Maryland Institute for Technology in Humanities*. A Organização desenvolveu o Consórcio sobre literatura eletrônica (CELL), um recurso de acesso aberto e não comercial a bancos de dados literários, arquivos e programas institucionais em artes literárias e bolsas de estudos, com foco na literatura eletrônica. Esse projeto recebeu financiamento de uma Bolsa Nacional de Doação para a Humanidade. O crescimento da Organização devido às suas afiliações acadêmicas criou a necessidade de reunir estudantes e artistas de literatura eletrônica mais frequentemente. Essa consciência levou ao simpósio ELO, *O Futuro da literatura eletrônica*, que teve lugar na Universidade de Maryland, *College Park* em 3 de maio de 2007 e sua primeira conferência e festival aberto, *Visionary Landscapes*, na *Washington State University Vancouver*, presidido por Dene Grigar e John Barber em junho de 2008. O ELO começou a organizar conferências e festivais em vários países. Conjuntamente, realizou exposições, leituras e performances em vários locais e eventos. Em primeiro de julho de 2017, a Organização mudou-se para a Universidade Estadual de Washington, Vancouver. Durante sua trajetória, a Organização foi apoiada por bolsas da Fundação Ford, da Fundação Rockefeller, da Fundação Nacional para as Humanidades e do Conselho de Pesquisa em Ciências Sociais e Ciências Humanas (Canadá). Complementa-se que a Coleção de literatura eletrônica criada pela Organização surgiu com a intenção de fornecer leitura, uso em sala de aula, compartilhamento e referência dentro e fora da rede. Os editores e autores trabalharam para permitir que os poemas fossem compartilhados livremente, não comercialmente, entre indivíduos, bibliotecas, escolas, desde que a atribuição seja mantida e os trabalhos não sejam modificados. Salienta-se que os poemas são apresentados em sua maioria em língua inglesa, embora a intenção fosse promover relações com artistas fora dessa língua, envolvendo outras partes do globo.

Os artistas-programadores da coleção trabalham sozinhos ou em colaboração. A quantidade de pessoas que dispõem de tempo, treinamento e acesso para criar essas obras é pequeno. A ELO procura disseminar livremente a coleção a fim de que mais artistas se engajem na proposta de publicação. O referido material está disponível em CD-ROM e online. O leitor pode acessar a primeira página que contém miniaturas que representam os poemas. Ele pode escolher qual poema quer acessar por meio de palavras-chave, autores ou títulos. Palavras-chave disponibiliza detalhes das diferentes formas, de acordo com o gênero do trabalho, a linguagem de programação, tom do trabalho (paródia, sátira). Assim, leitores que se interessam por estilos literários podem encontrar um conjunto de categorias, já programadores podem encontrar outro. Segundo informação coletada na própria coleção, seja usando linguagem natural ou linguagens do computador, animação ou jogos, os trabalhos oferecem

sensação de metamorfose da literatura eletrônica. O desejo de compartilhar essas formas de arte, revela o objetivo comum entre esses artistas, a promoção do próprio campo por meio do desenvolvimento e circulação de obras que podem ser retrabalhadas.

Hayles espera que os Electronic Literature Collection futuros apareçam em uma base bienal. Com este trabalho, os editores da *ELC* revelam-se parte de uma tradição muito mais estabelecida de comunidades literárias, comemorando, preservando e defendendo formas que desafiarão, inspirarão e, por enquanto, compilarão.

Observando-se cada volume da coleção, constata-se que a poesia eletrônica, assim como no impresso, não é um texto fechado; só que em meio digital, potencializa-se que os leitores participem do processo de construção e interatividade. Como é possível observar, “o cenário atual obriga a repensar não só a poesia, mas a própria literatura” (FERREIRA, 2010, p. 14). Para essa construção poética, poetas trabalham junto com técnicos e aprendem a utilizar os novos aparatos.

Considerações finais

Sobre os postulados aqui discutidos, pôde-se perceber que os formatos literários vão se ampliando e encontrando novos espaços de contato, de interação bem como de percepção. Diante dos novos meios em que habita o objeto cultural poema, o leitor participa de sua leitura via rede e por meio dela também é possível construir valores intensos, assim como no impresso.

Nessa acepção, a *Organização de literatura eletrônica* é uma das associações internacionais mais importantes destinadas a promover a criação, a leitura e a crítica da literatura digital, sendo a *Electronic literature Collection* uma forma ainda recente de trabalho com literatura, que disponibiliza os poemas para acesso com um jeito diferente de leitura por meio dos três volumes.

Resta dizer que a literatura digital é o gênero das próximas gerações, é ela que consolidará sua presença, elegerá seus precursores, definirá sua poética, justamente por quê: “enquanto houver um poeta, uma língua e um leitor, lá haverá literatura. Seja na pedra, no papel, na tabuleta, no tablet, na terra, no espaço ou no ciberespaço” (SPALDING, 2016, p. 80).

POEM IN THE 21ST CENTURY: EXTENDED TIES FOR THE DIGITAL

ABSTRACT: This article discusses what Electronic Literature is, as well as the poetics found in the Electronic Literature Collection, present in three volumes. It is necessary to consider the importance of knowing this interactive way of reading and, as a result, its promotion. From the discussions proposed here, it is clear that these electronic media are different from the printed media. However, since the emergence of concrete poetry

to digital poetry, the book in its physical version has not disappeared, it has only undergone changes with the introduction of Electronic Literature, this fact demonstrates that the two types of formats can live together smoothly.

KEYWORDS: Reading; Digital Literature; Poem; Technology

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini. Letramento digital e hipertexto: contribuições à educação. In: PELLANDA, Nize Maria Campos; SCHLÜNZEN, Elisa Tomo e Moriya; JUNIOR, Klaus Schlünzen (Org.). *Inclusão Digital: tecendo redes afetivas/cognitivas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

ANTÔNIO, Jorge Luiz. *Artemídia e cultura digital*. São Paulo: Musa Editora, 2008.

BAKER, L. & WIGFIELD, A. (1999). *Dimensions of children's motivation for reading and their relations to reading activity and reading achievement*. Reading Research Quarterly, 34(4), 452-477.

BARBOSA, Pedro. *A renovação do experimentalismo literário na Literatura Gerada por Computador*. In: Revista da UFP, n. 2, v.l, p.181-188, mai. 1998.

BARCELOS, Nicole de Medeiros. *O concreto no virtual*. Letramento digital através da poesia concreta no bloco de notas, 2017. Disponível em: educere.bruc.com.br › arquivo › pdf2017. Acessado em 06 fev.2021.

CHARTIER, Roger. *Do código ao monitor: a trajetória do escrito*. Estudos Avançados, São Paulo, 2003.

COPE, Bill. New Ways with Words: Print and Etext Convergence. *Print and Electronic Text Convergence*. Eds. Bill Cope y Diana Kalantzis, Common Ground Publishing, 2001, pp-1-15.

COUEY.A. Cyber Art: The Art of Communication Systems, in Matrix News, Volume 1, Number 4, julho 1991, Matrix Information and Directory Services, Inc. (MIDS)= mids@tic.com. In: LEMOS, André. *Arte eletrônica e cibercultura*, UFBA, 2003.

DOMINGOS, Ana Cláudia Munari. *Hiperleitura e escreitura: convergência digital, Harry Potter, cultura de fã*, Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015.

Eletronic Literature Collection. 2009. Disponível em: <<http://collection.eliterature.org>>. Acesso em: 06 fev. 2021.

FERREIRA, Ana Paula. *Espaço e poesia na comunicação em meio digital*. 2010. 361 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) -Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo.

HAYLES, Katherine N., *Literatura eletrônica: novos horizontes para o literário* (traduzido por Luciana Lhullier e Ricardo Moura Buchweitz, 1ª edição, São Paulo: Global, Fundação Universidade de Passo Fundo, 2009.

JENKINS, Henry. *Cultura da convergência*. 2. edição. São Paulo: Aleph, 2009.

LEMOS, André; PALÁCIOS, Marcos. *As janelas do ciberespaço*. Porto Alegre: Sulinas, 2001.

MATA, L. *Literacia Familiar*. Ambiente familiar e descoberta da linguagem escrita, 2006.

MENEZES, P. *Poética e Visualidade: uma trajetória da poesia brasileira contemporânea*, 1991.

PIGNATARI, Décio. *Sobre poesia oral e poesia escrita; nova poesia: concreta* (manifesto). In: CAMPOS, A. de; PIGNATARI, D.; CAMPOS, H. de. Teoria da poesia concreta: textos críticos e manifestos. Cotia: Ateliê, 2006. p. 23-28, 67-70.

- PRIETO, Lucas Ramada. Tesis Doctoral. *Esto no va de libros*. Literatura Infantil y Juvenil Digital y Educación Literaria. Departament de Didáctica de la Llengua i de la Literatura. Programa de Doctorat em Didáctica de la Llengua i de la Literatura. 2017.
- SANTAELLA, Lúcia. *Matrizes da Linguagem e pensamento: sonora visual verbal*. 3ª ed. São Paulo: Iluminuras: FAPESP, 2005.
- SANTAELLA, Lúcia. *Comunicação ubíqua*. Repercussões na cultura e na educação. São Paulo: Paulus, 2013.
- SANTOS, Alckmar Luiz dos. *Leituras de nós: ciberespaço e literatura*. São Paulo: Itaú Cultural, 2003.
- SANTOS, Alckmar Luiz dos. Entrevista com Alckmar Luiz dos Santos. *Instituto de Estudos Brasileiros FLUC*. Junho, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sm_cQCx7hc4>. Acesso em: 06 fev. 2021.
- SILVA, Rogério Barbosa. *Poesia concreta: a crítica como problema, a poesia como desafio*. Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. O eixo e a roda. UFMG, V. 22, N. 2, 2013.
- SILVA, Antônio Rodrigues da. *Referencialidade e poesia: uma análise das práticas de leitura no ensino médio*. Porto Alegre, UFRGS, 2014. Tese e Doutorado.
- SPALDIND, Marcelo. O Movimento Literatura digital e a literatura digital produzida no Brasil. In: BURLAMAQUE, Fabiane Verardi. *Novas leituras do mundo: a literatura na ecologia das mídias*; São Paulo: Cultura Acadêmica, 1 ed. 2016.
- TORRES, Rui. *Poesia digital: cruzamento de linguagens*. Entrevista via Skype. MESA 3 – Leitura, literatura e linguagens: novas topografias textuais. Com Alckmar Luiz dos Santos, Ana Elisa Ferreira Ribeiro e Renata Loureiro Frade. Seminário Internacional de Leitura, Literatura e Linguagens. 16ª Jornada Nacional de Literatura, org. Universidade de Passo Fundo (UPF) e Prefeitura de Passo Fundo, RS, Brasil, 2017.

Recebido em: 07/02/2021.

Aprovado em: 04/06/2021.